

Maria Cristina da Silva Leme

Seyey Cunioci

## ARQUITETURA E CIDADE NA OBRA DE VILANOVA ARTIGAS<sup>1</sup>

**“A cidade é uma casa, a casa é uma cidade”**

*Artigas, 1969.*

A relação da arquitetura com a cidade está presente de diferentes formas na obra de João Batista Vilanova Artigas e, em alguns casos, define a concepção do projeto. A dimensão política é uma característica importante de sua produção. Aparece tanto na fala indignada contra o que classifica como caráter imperialista da proposta de Modulor de Corbusier, no contexto do início da guerra fria, como na dimensão pública nos projetos de arquitetura e nos de urbanismo. A sua reflexão crítica sobre arquitetura e urbanismo marcou o ensino e a prática profissional desde os anos cinquenta em São Paulo. Pretende-se, neste trabalho, ao analisar textos e projetos, lançar algumas hipóteses sobre os nexos entre a trajetória profissional do engenheiro arquiteto e o meio da arquitetura e do urbanismo no Brasil, na segunda metade do século XX.

**1.** Em São Paulo, ao mesmo tempo em que se desenvolvia a linhagem de urbanismo, formada desde o século XIX a partir das Escolas de Engenharia, uma outra vertente, organizada principalmente por arquitetos, começa a se configurar nos anos trinta. Nessa vertente, o urbanismo é concebido a partir da arquitetura, na relação entre o espaço edificado e o espaço livre. Tem como objetivo principal a atividade de projeto e de construção de novos espaços urbanos, de novas cidades. Ela se define com base nas idéias veiculadas pelos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna.

Apesar de tendências diferentes estarem presentes nos CIAMs, a que se inicia no Brasil é fortemente influenciada pelas idéias de Corbusier. Sua passagem pelo Rio de Janeiro e São Paulo, em 1929, e o retorno em 1936 foram momentos importantes para a difusão de suas propostas. A vinda ao Brasil foi feita na esperança de projetar a nova capital, Planaltina, de que havia ouvido falar através de Blaise Cendrars.<sup>2</sup>

Ele profere duas conferências no Rio: a primeira sobre Arquitetura e a segunda sobre Urbanismo. Esses dois temas estão estreitamente articulados em sua fala – a cidade e a arquitetura moderna. O impacto das suas idéias é, sem dúvida, maior no Rio, quando ele fala no Instituto Central de Arquitetos, do que em São Paulo, quando ele profere duas conferências junto ao Instituto de Engenharia, a convite de Luís Ignácio de Anhaia Mello e, em seguida, na Câmara Municipal. A existência de

um meio institucional acadêmico e profissional diretamente ligado à arquitetura explica, a nosso ver, essa maior repercussão entre os arquitetos cariocas.

Nos esboços que desenvolve para cidades da América do Sul – São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevideu – estarão presentes sempre os mesmos princípios: intensificação da vida moderna proporcionada pela metrópole, o trabalho em posição central nos negócios da cidade, a velocidade da circulação hierarquizada, a alta densidade, o solo livre, a altura dos edifícios. Em nenhum momento, a reforma ou a nostalgia pelo passado. Sobre a cidade existente, congestionada como São Paulo, aprisionada pela topografia ou apertada junto ao mar, como o Rio, ele cria novos espaços artificiais, projeta grandes estruturas viárias que pousam sobre as cidades existentes. Nada de reformas ou de acertos.

Como observa Martins (1994), o diagnóstico sobre a situação dessas cidades, embora impreciso e pouco técnico, serve, porém, para a afirmação de sua tese, que dá ênfase a problemas que considera fundamentais: a inadequação do traçado à circulação motorizada, à velocidade que deve caracterizar a cidade contemporânea, ao posto de comando da civilização maquinista e à perda de contato vital entre o habitante da cidade e a natureza.

Na conferência que faz na Associação dos Arquitetos no Rio de Janeiro, em 8 de dezembro de 1929, Le Corbusier descreve as propostas desenhadas para São Paulo, depois de sobrevoar a cidade e percorrê-la de carro:

Propus o seguinte aos meus amigos de São Paulo. A origem destas estradas que se encontram no centro vem de muito longe: Santos, Rio de Janeiro, etc. O diâmetro urbano da cidade é extremamente alargado: 45 quilômetros. Vocês constroem auto-estradas; por enquanto, estando coladas ao solo, elas sofrem sua influência. Se fizéssemos isso: construir, de colina a colina, de pico a pico, uma régua horizontal de 45 quilômetros, depois uma segunda, em ângulo quase reto, para servir aos outros pontos cardeais (...) Vocês não sobrevoarão a cidade de carro, mas “sobre-rodarão”. Estas auto estradas que lhes proponho são viadutos gigantescos. Não façam arcos onerosos para sustentar seus viadutos; construam-nos sobre estruturas de concreto armado que constituirão escritórios no centro da cidade e habitações na periferia. O volume desses escritórios e dessas habitações será imenso, de acordo com o espírito do tempo; trata-se portanto de uma magnífica valorização. Um projeto preciso, um edital. Operação já descrita (...) Para vencer as sinuosidades do planalto acidentado de São Paulo, pode-se construir as auto-estradas em nível, sustentadas por “arranha-terras”.<sup>3</sup>

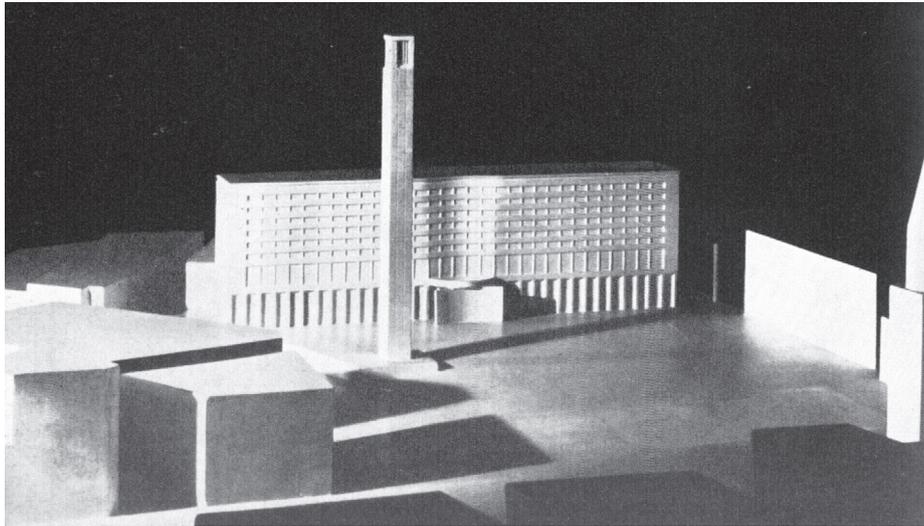
Quando retorna, em 1936, permanece um mês, entre julho e agosto, no Rio de Janeiro. Profere seis conferências na Escola Nacional de Música e, mais importante, dirige dois ateliês, um para o projeto do edifício do Ministério da Educação e Cultura,

outro para o projeto da Cidade Universitária, quando trabalha com Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Affonso Reidy.

A construção de cidades universitárias acompanha a transformação de faculdades isoladas em universidades. Na primeira, projetada em 1936 e construída na Ilha do Fundão, aparecem princípios do urbanismo modernista que vão se repetir nos projetos para as universidades das cidades de Belo Horizonte, Recife, São Paulo e Vitória.<sup>4</sup> O programa compreende uma grande autonomia e isolamento do conjunto em relação à cidade. Além dos edifícios das faculdades, são previstos edifícios para a administração, hospital, centro de esportes, centro cultural e blocos residenciais para alunos e professores. Apenas em 1945 é formada uma comissão para estudos da Cidade Universitária de São Paulo. Anhaia Mello, que havia trabalhado no levantamento do programa de necessidades da Politécnica para sua instalação na Cidade Universitária, a partir de 1945 preside a Comissão até sua dissolução, em 1948, e a formação, no mesmo ano, da Comissão do Plano da Execução da Cidade Universitária, assumindo também a presidência dessa comissão até 1951.

**2.** As idéias de Corbusier <sup>5</sup> certamente circularam entre os engenheiros arquitetos, porém eram consideradas “fantasiosas”, como observa Prestes Maia (1930), no Plano de Avenidas, quando se refere à hierarquização da circulação viária e a verticalização proposta. Entre os arquitetos, as adesões ao Movimento Moderno são ainda isoladas. Gregori Warshavchik, que escrevera um manifesto a favor da arquitetura moderna, em 1925, foi convidado por Corbusier para ser o representante sul-americano no CIAM.<sup>6</sup>

No concurso para o Paço Municipal, já no final dos anos 30, o projeto de Flávio de Carvalho foi, segundo Daher (1982), o mais discutido entre os que participaram do concurso. Flávio de Carvalho afirmava que no, projeto, prevalecia a doutrina corbusiana, modificada para melhor. Nesse concurso, a escala urbana está presente no projeto da equipe liderada por Warchavchik, com a participação de Vilanova Artigas, recém formado pela Escola Politécnica de São Paulo.<sup>7</sup> Classificado em segundo lugar, o projeto aborda o problema de forma diferente dos outros concorrentes. O edifício para o governo municipal está implantado no que denomina de Praça Cívica, configurando um ambiente adequado para manifestações cívicas. Articulada à Praça da Sé pela demolição do edifício Santa Helena, criava um amplo espaço de formato retangular. O conjunto arquitetônico formado pelo novo edifício, em posição diagonal à Catedral da Sé, incluía o Palácio da Justiça.



**Figura 1. Concurso para o Paço Municipal – Praça Cívica.**  
**Autor: João Vilanova Artigas / Gregório Warchavchik. Maquete do projeto**  
Fonte: Vilanova Artigas. Exposição do Instituto Thomie Othake. São Paulo, 2003, p. 86

No final dos anos 40, institucionaliza-se, na maior parte das cidades brasileiras, o meio da arquitetura, que ganha autonomia em relação ao da engenharia. Esse movimento envolve o ensino e as associações profissionais. A organização do Departamento São Paulo, do Instituto de Arquitetos do Brasil, em novembro de 1943, é importante para esse movimento, já dentro do contexto da arquitetura moderna. Ficher (1989:426) observa que, desde o início, dominava uma clara tendência política de esquerda e a defesa de movimentos nacionalistas e pela democracia. Uma das primeiras realizações da nova associação foi o *1º Congresso Brasileiro de Arquitetos*, em 1945, onde dominou a campanha pelo fim da ditadura e pela redemocratização do país. No exercício profissional, a defesa do projeto e a valorização da autoria, constituíram pontos programáticos do IAB.

Christiano Stockler das Neves (1928:19), diretor do curso de engenheiro arquiteto do Mackenzie, expõe as oportunidades profissionais que se ofereciam:

[...] o emprego público, onde se vai fossilizar, na maioria das vezes e padecer as torturas do regime da hierarquia burocrática, percebendo uma ridícula remuneração, inferior, muitas vezes, à de um carpinteiro, *chauffeur* ou maquinista; o emprego particular, no qual a situação moral é melhor, mas as garantias do emprego público não existem, isto é, a vitaliciedade e o monte pio, e o ordenado que recebe nem sempre corresponde à responsabilidade dos serviços que lhe confiam; o empreiteiro, que parece exercer independência, mas é onde mais depende, e isso não só de seus auxiliares e operários, mas dos proprietários e até dos burocratas, precisando uma capacidade administrativa extraordinária para defender seus interesses; finalmente, o administrador, a fase ideal da profissão, mas raramente adotada, cujos serviços devem ser remunerados como os do médico e do advogado.

Apesar do viés da argumentação, privilegiando claramente o projeto e a inserção do arquiteto, como profissional liberal, no mercado de trabalho, as quatro opções parecem dar conta das possibilidades profissionais nesse momento. Estava se delineando a separação entre a atividade de construção e a de projetar, como uma estratégia de valorização da profissão de arquiteto. Christiano das Neves defende essa posição desde os anos vinte, e Rino Levi será, segundo depoimentos de colegas contemporâneos, o primeiro a se dedicar com exclusividade a projetos completos, da execução à fiscalização.

Estarão imbricadas, nesse momento, uma estratégia de prestígio profissional, uma mudança de orientação estética em direção ao modernismo e uma reforma do ensino que permitiria caracterizar um novo profissional arquiteto.<sup>8</sup> Como corolário dessa posição, havia a defesa da criação de uma escola independente de arquitetura. Na Escola Politécnica, as disciplinas para a formação do curso de engenheiro arquiteto eram: Desenho Arquitetônico e Esboço do Natural, no 1º ano; Desenho de Perspectiva, no 2º ano; Composição Geral I e aulas de Desenho de Perspectiva e Desenho de Composição Geral, no 3º ano; Construções Civas, Higiene das Habitações, Noções de Arquitetura; Composição Geral II, no 4º ano; e História da Arquitetura, Composição Geral III e Urbanismo e Desenho de Composição Geral e Modelagem no último ano.<sup>9</sup>

Em São Paulo, é criada, em 1947, a Faculdade de Arquitetura Mackenzie e, um ano depois, com o apoio de Anhaia Mello, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo. A separação da engenharia confere uma maior consistência à atividade de projeto, e novos temas são abordados. A investigação e o projeto de habitação de interesse social integram o currículo da nova faculdade, o que reflete a inserção dos arquitetos paulistas na problemática dos primeiros congressos do CIAM.

O movimento de autonomia da arquitetura em relação à engenharia é um momento de inflexão importante no ensino do urbanismo. Caracteriza a constituição das duas vertentes: a herdeira dos estudos de engenharia, e a que se constitui vinculada estritamente à arquitetura.

Na recém criada Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, a primeira vertente tem continuidade com Anhaia Mello. Como responsável pela cadeira 23, de Urbanismo<sup>10</sup>, aborda, nos primeiros anos da nova faculdade, os temas que vinha tratando desde as conferências proferidas no Instituto de Engenharia no final dos anos vinte e que se referem a questões práticas do governo da cidade: as finanças públicas, as formas de avaliação de imóveis e a legislação urbanística. Avança na discussão dos serviços de utilidade pública ao tratar da questão da concessão e das formas de regulação. Essa disciplina de final do curso preparava o

profissional arquiteto urbanista para elaborar planos nas diferentes escalas, da regional à local. Articulado ao ensino de urbanismo, Anhaia Mello organiza o CPEU, Centro de Pesquisa e Estudos Urbanísticos, para elaborar estudos e planos para cidades e regiões do estado de São Paulo. A criação do Centro, em 1955, representou a abertura de um novo campo profissional, em que se articulavam o ensino e o trabalho junto às prefeituras de cidades no Estado de São Paulo. O Centro desenvolvia atividades de assessoria para a elaboração de planos para os municípios-estâncias hidrominerais e climáticas, obrigados por lei a ter planos diretores e, ao mesmo tempo, procurava organizar equipes locais de planejamento. Essa atuação se ampliou nos anos sessenta.

Até a reforma de ensino, em 1962<sup>11</sup>, o programa da disciplina segue a mesma estrutura, cada vez mais detalhada, o que a transforma em um verdadeiro manual de urbanismo e de planejamento municipal. A apostila do curso, com introdução assinada por Anhaia Mello, reproduzia três documentos de urbanismo: a *Carta de Atenas*, produzida no 4º CIAM, a *Charte de l'Aménagement*, elaborada pelo Movimento Economia e Humanismo, e a *Carta dos Andes*. Não se explicitam as diferenças, nem se evidenciam as contradições entre esses documentos no que diz respeito ao ideário urbanístico e à ideologia política.

A tradução da *Carta de Atenas* é livre e seletiva. Destacam-se, com outro significado, pontos que se somarão aos outros documentos, como, por exemplo, a ênfase nas diversas escalas de plano, do local ao nacional, na necessidade de pesquisa “cuidadosa realizada por especialistas” e na insistência na elaboração de documentos legais.<sup>12</sup> São traduções livres de princípios da Carta, que, dessa forma, tornavam-se universais, servindo às mais diferentes tendências urbanísticas.

A *Charte de l'Aménagement* reflete a situação do pós-guerra na Europa e foi elaborada em La Tourette por pesquisadores, intelectuais vinculados ao Movimento Economia e Humanismo. O objetivo final do *aménagement du territoire* é a paz, a justiça, uma civilização humanista. Solidariedade e distribuição equitativa dos recursos são os princípios do Movimento Economia e Humanismo. Não bastava identificar os diversos escalões, mas de ordená-los<sup>13</sup>, “indo desde a pequena unidade básica local, até a grande unidade nacional e mesmo a supra-nacional.”<sup>14</sup> A ordenação compreenderia da fase do inventário ao programa ou plano e execução, aproximando-se da idéia de planejamento. A participação da população é desejada, individual ou organizada.

A *Carta dos Andes*, o terceiro documento que compõe a apostila, foi formulada em um Seminário de Técnicos e Funcionários em Planejamento Urbano.

Não nos parecem casuais o rebaixamento das diferenças e os destaques introduzidos por Anhaia Mello. Entretanto, se a apostila combina vertentes diferentes sob o

ponto de vista político e urbanístico, na introdução, redigida por Anhaia Mello, evidencia-se o ideário urbanístico e a sua filiação a determinadas correntes do urbanismo. Ele defende o controle do processo de urbanização através da adoção de políticas de descentralização urbana. Na disciplina de urbanismo, como o fizera desde a introdução do ensino de urbanismo na Escola Politécnica, em 1927, a difusão do modelo cidade-jardim de Letchworth, como objeto de estudo, reflete, além da opção pelo modelo, a defesa do controle do crescimento da cidade através do planejamento regional.

A referência à palavra urbanismo é rara nos textos dos arquitetos paulistanos. Encontra-se, com frequência, “arquitetura e construção”, cujos significados são mais amplos e abarcam da casa à cidade, como aparece no texto de João Vilanova Artigas (1986:102-103), fonte da citação inicial:

Construir foi para o homem primeiramente construir sua habitação. Alojarse no espaço, dominá-lo como parte da natureza. Num belo ensaio sob o título Construir, habitar, pensar, Heidegger junta elementos para a prova desta afirmação. Na língua alemã o verbo construir, nas suas formas lingüísticas mais antigas, exprimia também habitar e ser. O anglo-saxão primitivo era porque habitava a sua construção. [...] Construir em alemão é *bauen*, que tem a mesma origem de ser, revelada na forma *bin(sou)*. As formas lingüísticas para habitar, habitação, perderam-se para a definição atual de casa.

Uma palavra compartilhada é plano diretor. Para os urbanistas com origem na engenharia, plano diretor é um conjunto de estudos e de diretrizes, produto da atividade de planejamento urbano. Para os arquitetos urbanistas, plano diretor é um detalhamento do plano piloto, sendo este um projeto de cidade. Em 1950, essas duas etapas de um plano urbanístico são desenvolvidas por Le Corbusier e José Luís Sert para a cidade de Bogotá, na Colômbia.

Duas revistas dedicadas ao tema da arquitetura são os veículos principais de difusão dos princípios do urbanismo modernista. A revista *Acrópole*, fundada em maio de 1938, por Roberto A. Corrêa de Brito, no escritório do arquiteto Eduardo Kneese de Mello<sup>15</sup>, no início divulgava principalmente a produção em arquitetura, publicando projetos recém construídos. A partir de 1951, com novo proprietário e editor, foram reservados espaços para textos com temas específicos, geralmente publicados em série, além de textos complementares aos projetos publicados.<sup>16</sup>

A revista *Habitat* começou a circular em outubro de 1950 e teve em sua direção Lina Bo Bardi, Flávio Motta, Pietro Maria Bardi e Geraldo N. Serra. O perfil editorial da revista, com foco na produção cultural brasileira, conferia uma outra abordagem à arquitetura, preocupando-se em enfatizar as inovações. Foram publicados textos sobre teatro, música, cinema, além de ensaios sobre história da arte brasileira. A partir do número 25, é dado um maior enfoque para a arquitetura e o urbanismo.

A partir da criação da Faculdade, compõem o corpo docente engenheiros arquitetos como Ícaro de Castro Mello e Zenon Lotufo, com obras de orientação moderna, que haviam militado pela criação do IAB São Paulo.<sup>17</sup> Artigas, quando da criação da Faculdade, participou de sua organização<sup>18</sup> e de seu primeiro corpo docente, sendo responsável pela cadeira Composição de Arquitetura, Pequenas Composições.

No ensino de arquitetura na nova Faculdade, introduzia-se o tema da habitação social para alunos do segundo ano, orientado pelos professores Vilanova Artigas e Abelardo de Souza. Tratava-se do estudo *in loco* do problema da favela e da habitação auto-construída. Incluía uma pesquisa das condições de moradia, e uma proposta de solução.<sup>19</sup>

**3.** Alguns estudiosos atribuem influências na obra de Artigas que caracterizariam períodos de produção diferenciada: uma primeira fase, quando sofre grande influência de Frank Lloyd Wright; uma segunda, quando o arquiteto passa por um período de integração ao racionalismo brasileiro; e a última, em que adota, de maneira muito particular, a obra de Le Corbusier.

Consideramos, porém, que conferir valor explicativo a influências estrangeiras não é suficiente para entender a originalidade e a importância de seu papel na formação de uma concepção de arquitetura nacional. As observações de Lira (2004:8) têm sentido semelhante:

Ao apropriar-se dos referenciais mais influentes da arquitetura internacional naquele momento, ao submetê-los às condições locais de produção e do projeto, o arquiteto demarcava uma posição singular no cenário profissional: nem servil, nem idiossincrática, nem evasiva nem convenientemente acomodada às circunstâncias.

Observamos, em sua obra, a reflexão como parte constitutiva de sua produção, na qual fatores políticos exerceram sempre papel de primeira linha. "... o Artigas de 1950 teve que se meter em tudo, porque não havia a necessária divisão do trabalho: tinha que ser engenheiro, arquiteto, sociólogo, político etc."<sup>20</sup>

A força e a continuidade dessas idéias são consideradas por Correa (1992) como fator fundamental para a análise da obra do arquiteto. Em sua dissertação de mestrado, ela mostra a permanência de conceitos e as mudanças que sofreram ao longo da carreira de João Vilanova Artigas. Toda a sua produção se colocava como uma tentativa de resposta a questões candentes do debate arquitetônico.

Um dos pontos centrais para Artigas é a afirmação da arquitetura como uma arte com finalidade, o que implica uma necessidade de representar algo na sociedade. Ora, torna-se então essencial que o arquiteto brasileiro esteja inserido dentro de sua realidade.

Na fase inicial, alguns princípios da arquitetura de Frank Lloyd Wright estão presentes na concepção de seus projetos. Essa aproximação explica um interesse maior pela

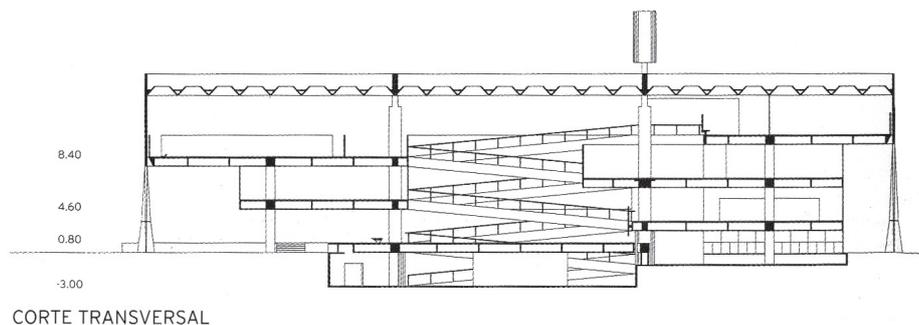
experiência americana em arquitetura, a qual, no período da segunda guerra, abrigava os principais arquitetos. Esse argumento ele o utiliza no plano de estudos que apresenta para a obtenção de bolsa pela Fundação Guggenheim para a viagem que realiza aos Estados Unidos.<sup>21</sup> Com o acirramento das relações políticas entre Estados Unidos e União Soviética, Artigas posiciona-se claramente contra o que denomina imperialismo norte-americano. Com o PCB colocado na ilegalidade, publica na revista *Fundamentos* a crítica a Corbusier (sobre a questão do Modulor), polemiza com a Bienal de São Paulo (sobre a questão da falta de independência da exposição e da falta de coerência com a realidade nacional) e com outras questões sobre o panorama nacional artístico, político, econômico e social.

No período entre os anos de 1944 e 1968<sup>22</sup>, os projetos de edificação se abrem para a cidade, criando uma unidade muito particular. No Edifício Louveira (1946), fica clara a existência de um sistema em que arquitetura e urbanismo trabalham de maneira integrada, e a edificação adquire dimensão urbana. Correa (1992) indica como mecanismos de projeto que atenuam os limites entre espaço público e privado: o uso dos pilotis, a escada de entrada a 45 graus da rua, francamente aberta à cidade. A coluna situada em posição central dá ênfase a essa idéia. O espaço entre os dois blocos, unidos por rampa, também aberta à rua, dá continuidade à praça fronteiriça.

Nos projetos de escolas, o sentido público adquire uma outra dimensão. No Ginásio de Itanhaém, em 1958, ele articula, na configuração do espaço, uma questão que estará presente também no Ginásio de Guarulhos e, mais tarde, no prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Cidade Universitária: o uso da cobertura comum a todos os espaços, que se defrontam sem barreira e que dialogam uns com os outros, permitindo caminhar à vontade. Essa forma de compreender o espaço de forma articulada e integrada aproxima-se, segundo Katinsky (2003:70), do que Luis Saia batizou de “moradia bandeirista”. As duas escolas são colocadas em situação urbana de destaque, para indicar a dimensão cívica. Ao abandonar o sistema galpão para recreio coberto, todas as obras anexas do programa da escola são integradas como um único elemento, e a área de esportes se abre para a cidade. O projeto dos ginásios abandonava um tipo de organização do espaço que predominara desde os primórdios da República. Esse novo espaço respondia a uma nova visão de educação.

A forma externa pura torna-se necessária para a imagem interna da cidade, de seus edifícios [...] a grande cobertura que deve cobrir os blocos como se fossem os edifícios numa cidade, guardando cada um a sua integridade e relacionando-se entre si, essa cobertura deve ser neutra, um fundo sob o qual as relações se estabelecem.

No ginásio de Guarulhos, Artigas usa, pela primeira vez, a iluminação zenital, elemento que utilizará também no projeto da FAU-USP. No prédio da Faculdade, vemos esses recursos de projeto utilizados ao máximo. A crítica ao racionalismo, o desejo de transformação do comportamento e a dimensão política atingem seu ápice. Elas acontecem de uma maneira muito sutil e, ao mesmo tempo, poderosa.



**Figura 2. Projeto para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Autor: João Vilanova Artigas. Corte Transversal**  
Fonte: *A cidade e uma casa. A casa e uma cidade*. Almada, Portugal: Casa da Cerca, 2001. Exposição realizada em colaboração com a Fundação Vilanova Artigas de novembro de 2000 a março de 2001 / página 134

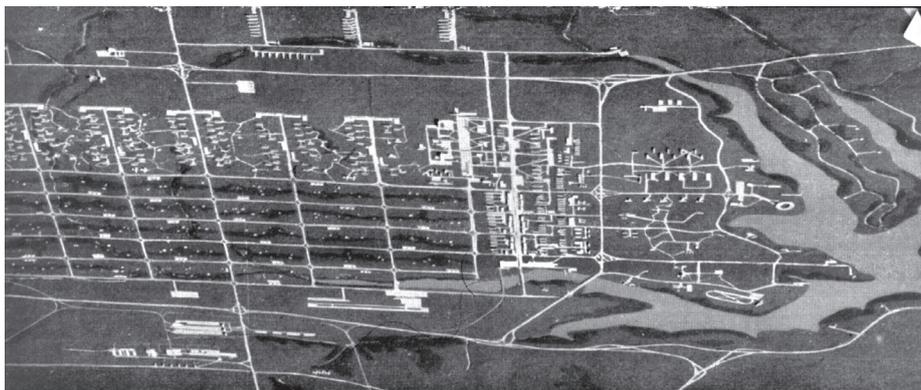
“Este prédio acrisola os cantos ideais de então: pensei-o como a espacialização da democracia, em espaços dignos, sem portas de entrada, porque os queria como um templo, onde todas as atividades são lícitas”<sup>23</sup>. Artigas.

No conjunto habitacional Zezinho Magalhães, projetado para o CECAP, Artigas enfrenta a questão do déficit habitacional crescente no Brasil e a necessidade de introduzir uma racionalidade na construção civil. Em São Paulo, desde os anos quarenta, foram construídos conjuntos habitacionais para os Institutos de Previdência. São experiências desse período o Conjunto Residencial da Baixada do Carmo, projeto do arquiteto Attílio Corrêa Lima, o Conjunto Residencial Santa Cruz, projeto do arquiteto Marcial Fleury de Oliveira, e o Conjunto Residencial da Mooca, do arquiteto Paulo Antunes Ribeiro. Nesses projetos, já estariam presentes, ainda como experiências isoladas, elementos do repertório da vertente alemã do CIAM – padronização, industrialização da construção, habitação mínima, pouca ou nenhuma ornamentação. No Conjunto Residencial Japurá, projeto do arquiteto Eduardo Kneese de Melo, estariam presentes os princípios da *Unité d’Habitation* de Corbusier: teto-jardim, pilotis, apartamento duplex, equipamentos coletivos (BONDUKI, 1998: 182).

No conjunto Zezinho Magalhães, construído em Guarulhos, o projeto corresponde às necessidades do cotidiano das famílias que ali iriam habitar. Essa preocupação está presente na divisão dos espaços, nas peças do mobiliário e nos equipamentos de comércio, esporte, lazer de uso comum.

Os projetos urbanos de maior escala e complexidade têm sido menos estudados. Consideramos, porém, que eles contêm elementos importantes para entender o conjunto da obra de Artigas, em que arquitetura e urbanismo estão em diálogo constante. As referências urbanísticas presentes nesses projetos, quando comparadas com os de outros arquitetos paulistas, permite perceber momentos de inflexão na produção urbanística em São Paulo, em que estão imbricadas a formação e as possibilidades do exercício profissional. Interpretamos as propostas do projeto da equipe de Joaquim Guedes para o concurso de Brasília como indicadores desse novo período.<sup>24</sup>

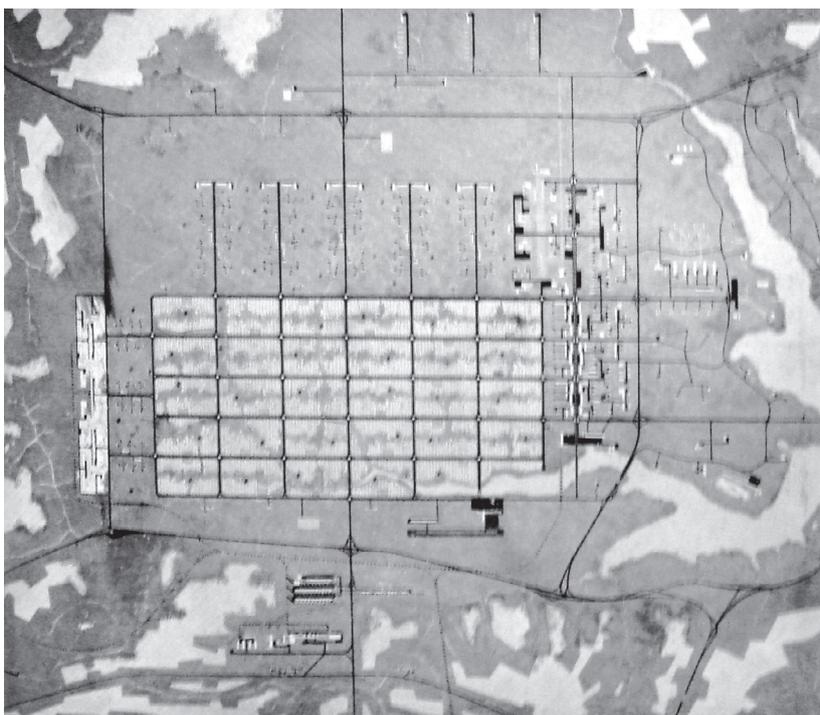
No concurso para o Plano Piloto de Brasília, em 1956, vinte e seis equipes apresentaram projetos, a maioria exemplos do urbanismo modernista. Essa opção não pode ser atribuída aos termos do edital do concurso, genéricos o suficiente para possibilitar que diferentes vertentes urbanísticas se apresentassem.<sup>25</sup> As experiências anteriores em projeto de novas cidades haviam utilizado um repertório urbanístico distante das propostas veiculadas pelo CIAM. Predominavam soluções que tinham como paradigma o modelo cidade-jardim: traçado viário adaptado à topografia, uso da solução viária em *cul de sac*, espaços livres internos às quadras.<sup>26</sup>



**Figura 3. Concurso para o Plano Piloto de Brasília**  
**Autor: João Vilanova Artigas / Carlos Cascaldi / Mario Wagner Vieira da Cunha / Paulo de Camargo e Almeida.**  
**Vista Aérea da Cidade**  
Fonte: Revista *Módulo*. 1956/ 1957, página 167

A proposta que a equipe de Artigas<sup>27</sup> desenvolve para o Plano Piloto compõe-se de uma primeira e extensa parte denominada plano regional, em que estuda as características de clima, insolação, vegetação, solo, mananciais, e propõe um zoneamento regional e um sistema de comunicação de rodovias e ferrovias. No plano urbano, parte substancial é dedicada à estimativa da futura população residente e das possibilidades de ocupação para os operários após a construção da cidade.

O plano urbano foi organizado “em zonas perfeitamente delimitadas. O que as caracteriza não é uma norma jurídica proibitiva ou permissiva, como não é a idéia de um campo neutro a ser ocupado por um núcleo inicial de atividade em expansão, com tonalidades mais concentradas em um ponto e diluídas nas margens. Ao contrário, trata-se de áreas interligadas, unas, e que, no seu todo, se caracterizam pelo gênero de vida que aí vai se desenvolver.” (CASCALDI et all. 1957). A recomendação sobre as etapas de construção da cidade é coerente com essa noção de partes constitutivas de um todo – as zonas poderiam ser construídas por partes, mas não a cidade. As zonas deveriam ser construídas em proporções que guardassem o equilíbrio do todo. São programadas três zonas residenciais em unidades de vizinhança, variando a tipologia de unidades isoladas e individuais a unidades coletivas com gabarito alto; uma zona militar, um centro cívico, uma zona de comércio e escritórios, uma zona de comércio atacadista, e três zonas verdes próximas à região dos lagos. Sobre essa estrutura de zonas se sobrepõe uma estrutura de rede de serviços e comércio tanto de âmbito local como mais geral para toda a cidade.

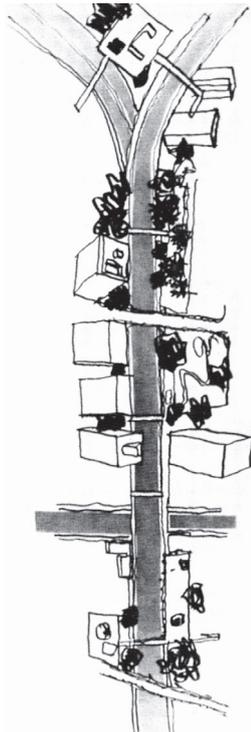


**Figura 4. Concurso para o Plano Piloto de Brasília**  
**Autor: João Vilanova Artigas / Carlos Cascaldi / Mario Wagner Vieira da Cunha / Paulo de Camargo e Almeida.**  
**Planta do Governo - Centro Cívico**  
Fonte: *Revista Módulo*, 1956/1957.

No primeiro croquis, são projetadas quatro macro zonas que definem a concepção do plano. A parte central é ocupada por um grande retângulo que contém as unidades

de vizinhança; deslocado, acima à direita, um pequeno quadrado delimita o centro cívico. A zona industrial é situada à esquerda das residências e à direita a zona comercial. Junto ao lago, um parque municipal e, ao sul da zona residencial, a zona de comércio atacadista.

A leitura do relatório e a análise das plantas revelam que foi maior a ênfase no detalhamento dos aspectos relativos ao plano regional e urbano, com poucas referências à arquitetura dos edifícios. Esses foram também os pontos salientados pelo júri, que conferiu ao plano o quinto lugar.



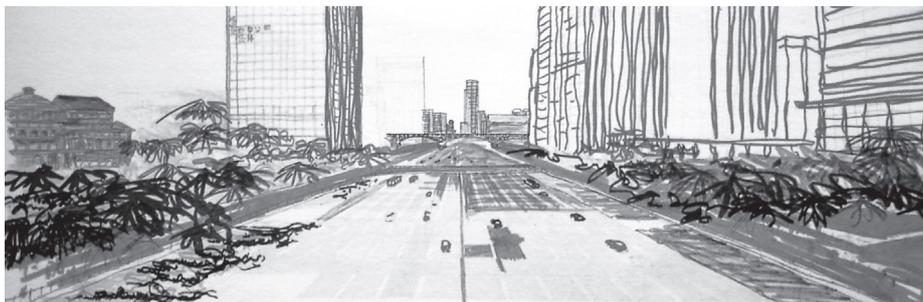
No início da década de 70, a EMURB encomenda a Artigas um projeto para o Vale do Anhangabaú.<sup>28</sup> Invertendo a proposta de Corbusier para São Paulo, que elevava o automóvel em pistas sobre a cidade, ele propõe “reconquistar para o pedestre e só para ele as vias laterais de tráfego que estão nas encostas do vale.”<sup>29</sup> Artigas propõe dois largos passeios interligados por passarelas que poderiam servir de arquibancadas naturais para festas cívicas ou populares. Confere uma escala metropolitana ao projeto para o Anhangabaú e não se contenta com os limites tradicionais que são conferidos ao Vale, entre os viadutos de Santa Efigênia e do Chá. A proposta atravessa a cidade, ligando o vale do Rio Tietê ao vale do Rio Pinheiros.

**Figura 5. Projeto para a Reurbanização do Parque do Anhangabaú.**

**Autor: João Vilanova Artigas.**

**Perspectiva do Vale do Anhangabaú.**

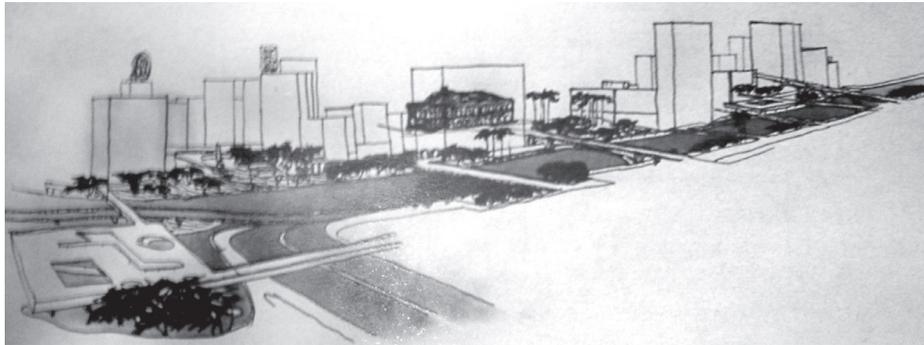
Fonte: *A cidade é uma casa. A casa é uma cidade*. Almada, Portugal: Casa da Cerca, 2001. Exposição realizada em colaboração com a Fundação Vilanova Artigas, de novembro de 2000 a março de 2001, página 167.



**Figura 6. Projeto para a Reurbanização do Parque do Anhangabaú.**

**Autor: João Vilanova Artigas. Esquema Geral do Projeto.**

Fonte: *A cidade é uma casa. A casa é uma cidade*. Almada, Portugal: Casa da Cerca, 2001. Exposição realizada em colaboração com a Fundação Vilanova Artigas, de novembro de 2000 a março de 2001, página 166.



**Figura 7. Projeto para a Reurbanização do Parque do Anhangabaú.  
Autor: João Vilanova Artigas. Perspectiva do Vale do Anhangabaú.**

Fonte: *A cidade é uma casa. A casa é uma cidade*. Almada, Portugal: Casa da Cerca, 2001. Exposição realizada em colaboração com a Fundação Vilanova Artigas, de novembro de 2000 a março de 2001, página 167

**4.** A importância de Artigas na formação do meio arquitetônico paulistano foi essencialmente política. Ele conferiu potencialidade de transformação social ao projeto de arquitetura e de urbanismo, através de uma militância no ensino e no exercício da profissão.

Em 1965, respondendo sobre a falência do movimento funcionalista, ele aponta as expectativas e os limites do movimento moderno. “O funcionalismo tinha um programa, um projeto para colocar a arquitetura a serviço de sua própria “desalienação”, como também a serviço do esforço geral da cultura, na transformação do homem. Não pode e não poderia cumpri-lo até o fim, mas, ao levá-lo à prática, concorreu para o melhor conhecimento, por parte dos arquitetos, da natureza dos obstáculos a vencer.” (1986: 97).

**Maria Cristina da Silva Leme** é professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

**Seyey Cunioci** é aluno do Curso de Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Desenvolveu pesquisa de iniciação científica no decorrer de 2004/2005 e foi o responsável pela seleção e tratamento das imagens incluídas no texto.

## Notas

<sup>1</sup> Parte deste texto está incluído na tese apresentada por Maria Cristina da Silva Leme à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP para obtenção do título de livre docência.

<sup>2</sup> Desde que havia sido informado por Blaise Cendrars da aprovação pelo Congresso de verbas para uma nova capital no Brasil, Planaltina, seu interesse em realizar essa obra é evidente na correspondência que envia a seus amigos brasileiros. Ele declara, mais tarde, que não se deslocaria toda a distância que separa os dois continentes para dar apenas conferências; o seu interesse era desenvolver projetos.

<sup>3</sup>In: SANTOS, Cecília Rodrigues et alii. *Le Corbusier e o Brasil*, p. 92-93.

<sup>4</sup> Ver LEME, Maria Cristina da Silva (coord). *Urbanismo no Brasil, 1895-1965*, p. 325-329,332-335.

<sup>5</sup> A revista *Engenharia Mackenzie* publica, em 1929, uma tradução do artigo “Arquitetura da época machinista”.

- <sup>6</sup>Segundo Tavares Lira, o jornalista Geraldo Ferraz relata, em 1965, como se deu o encontro entre os dois arquitetos. Corbusier estava sendo ciceroneado em São Paulo pelo jornalista Ferraz. O convite a Warchavchik para representar o Brasil no CIAM foi feito quando visitavam a casa da Rua Santa Cruz em companhia de um grupo de arquitetos paulistas, entre eles Flávio de Carvalho, Jayme da Silva Telles, Dacio de Novaes e Guilherme Malfati (Lira 2005).
- <sup>7</sup> Artigas entrou em 1932 na Faculdade de Engenharia do Paraná, transferindo-se dois anos depois para a Escola Politécnica de São Paulo, onde fez regularmente o curso de engenheiro civil e, como ouvinte, o de engenheiro-arquiteto. Diplomou-se engenheiro-arquiteto em 1937 e fundou, em sociedade com Diulio Marone, a firma Marone & Artigas, que funcionou até 1944. Em 1939, trabalhou no escritório de Gregori Warchavchik.
- <sup>8</sup> Ficher observa a relação entre a crescente regulação do governo federal, após a Revolução de 30, e as mudanças na formação e nas atividades profissionais dos engenheiros arquitetos. Em seguida à criação do Ministério da Educação e Saúde Pública e do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, são criadas normas de defesa do diploma profissional, através do Decreto Federal nº 23569, de 11 de dezembro de 1933 (op. cit., p. 422.)
- <sup>9</sup> Os professores dessas disciplinas foram Alexandre Albuquerque, até 1934, ministrando as disciplinas: História da Arquitetura e Construções Cívicas; Higiene das Habitações, Noções de Arquitetura; Luiz Ignácio de Anhaia Mello, catedrático de Estética; Composição Geral e Urbanismo; e Francisco Prestes Maia, responsável, até 1937, pelas aulas de Desenho de Composição Geral e Modelagem e Desenho de Perspectiva. Foram assistentes de Anhaia Mello, José Maria da Silva Neves, Zenon Lotufo, João Batista Vilanova Artigas e Ariosto Mila. A cadeira de Hidráulica Urbana e Saneamento, do curso de engenheiro civil, era ministrada, até 1937, por João Florence de Ulhôa Cintra. Artigas foi contratado como assistente em 1940 e foi professor interino de 1941 a 1943.
- <sup>10</sup> Conforme programas da Cadeira da FAU USP em 1952, 1955, 1958. In: BIRKHOLZ, Lauro. *O ensino do planejamento territorial no Brasil*, p. 218-242.
- <sup>11</sup> A reforma do ensino implantada em 1962 foi resultado de um longo processo de discussão liderado por Artigas. A partir da reforma, foram introduzidas disciplinas de desenho industrial e comunicação visual. A cadeira de urbanismo passa a ser chamada de planejamento. Com a reforma, seu conteúdo é ampliado e ministrado no 3º, 4º e 5º semestres.
- <sup>12</sup> Conforme *Planejamento Territorial*, Curso de Planejamento, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo USP, 1971. Na apostila lê-se: "É da maior urgência que cada cidade possua seu plano de urbanismo em articulação com o respectivo plano regional e com o do país como um todo. É imprescindível que a execução destes planos, assim em escala nacional, como na regional e municipal, seja assegurada pelos diplomas legais competentes." (p. 13). Esse tema corresponderia ao item 83 da *Carta de Atenas*: "A cidade deve ser estudada no conjunto de sua região de influência. Um plano de região substituirá o simples plano municipal. O limite da aglomeração será função do raio de sua ação econômica." Le Corbusier. *Carta de Atenas*. São Paulo, HUCITEC/ EDUSP, 1993.
- <sup>13</sup> Ordenar como tradução de *aménager*.
- <sup>14</sup> "Charte de l'Aménagement". In: *Planejamento Territorial*. Curso de Planejamento. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo USP, 1971, p 20.
- <sup>15</sup> Entre 1938 e 1952, Roberto A. Corrêa de Brito, além de dono da revista, também foi seu diretor geral. Em 1953, a revista foi vendida a Max M. Gruenwald, que também foi seu diretor geral, de sua posse até o encerramento da revista em dezembro de 1971. Ver LEME, op. cit., p. 569.
- <sup>16</sup> Dentre essas publicações em série, podem ser citadas: o livro *Notas sobre a Evolução da Morada Paulista*, do arquiteto Luiz Saia (1957); um número especial sobre Brasília (nº 256/257 em 1960). Durante cinco anos, publicou mensalmente (de janeiro de 1954 a junho de 1959) o *Boletim do Instituto dos Arquitetos do Brasil*, Departamento de São Paulo. Ver LEME, op. cit., p. 569.
- <sup>17</sup> Ícaro de Castro Mello, formado pelo Mackenzie, projetou o setor esportivo da Cidade Universitária. A convite de Anhaia Mello, foi professor assistente da cadeira de Pequenas Composições, de 1950 a 1953, e catedrático de Grandes Composições, de 1954 a 1957. Zenon Lotufo, engenheiro arquiteto formado pela Escola Politécnica, ensinou na Escola como assistente de Anhaia Mello desde 1938. Ingressou na FAUUSP em 1950, ministrando a disciplina Composição. Para uma biografia mais completa, ver FICHER, op. cit.
- <sup>18</sup> Atribui-se como um dos objetivos de sua viagem aos Estados Unidos, entre 1946 e 1947, recolher subsídios para a formação do novo curso. Sobre essa viagem, ver Irigoyen (2002).
- <sup>19</sup> Dez milhões de brasileiros moram em favelas e choupanas. Uma colaboração dos alunos da Faculdade de Arquitetura para a solução do problema. *Revista Habitat* nº 16, 1954.
- <sup>20</sup> Depoimento de Artigas à arquiteta Sylvia Fischer, em 1982, para a elaboração de sua tese de doutorado.
- <sup>21</sup> "Os Estados Unidos representam no momento uma grande fonte de estudos e investigação em arquitetura, não só pelo que alguns de seus arquitetos já fizeram, como também porque tem atualmente quase que o monopólio dos grandes arquitetos do mundo. F.L. Wright, Walter Gropius, R. Neutra, somente para começar uma grande lista." Plano de estudos apresentado para obtenção da bolsa de estudos. In: Irigoyen (2002: 148)
- <sup>22</sup> A obra de Artigas é muita extensa. Escolhemos alguns exemplos significativos para a construção de nossa reflexão sobre a relação entre arquitetura e cidade em sua obra.
- <sup>23</sup> In: INSTITUTO TOMIE OHTAKE. Vilanova Artigas, Catálogo Exposição, São Paulo, 2003, p. 165.

- <sup>24</sup> Na prancha NÃO do projeto para o Plano Piloto de Brasília da equipe liderada pelo arquiteto Joaquim Guedes, já se encontra uma crítica aos princípios divulgados nos primeiros congressos do CIAM. A meu ver, a proposta é radicalmente nova, pois associa o transporte de massa (metrô) à unidade de vizinhança.
- <sup>25</sup> Nos termos do edital: "O plano piloto deverá abranger: a) traçado básico de cidade, indicando a disposição dos principais elementos da estrutura urbana, a localização e interligação dos diversos setores, centros, instalações e serviços, distribuição dos espaços livres e vias de comunicação; b) relatório explicativo." In revista *Módulo*, nº 8, julho de 1957, p. 9.
- <sup>26</sup> A influência do modelo cidade-jardim pode ser observado no projeto de Armando de Godoy para a parte sul do projeto de Goiânia.
- <sup>27</sup> A equipe era formada por Carlos Cascaldi, João Vilanova Artigas, Mario Wagner Vieira da Cunha e Paulo de Camargo Almeida.
- <sup>28</sup> Artigas desenvolvia, nesse período, os projetos de algumas passarelas sobre vias urbanas em São Paulo, sob contrato da EMURB. É nesse contexto de intervenção urbana que se situa o projeto para o Anhangabaú.
- <sup>29</sup> Prancha de apresentação do projeto, também reproduzida na revista *Módulo* 42, p. 40.

## Bibliografia

- A CIDADE é uma casa. A casa é uma cidade. Almada, Portugal: Casa da Cerca, 2001. Exposição realizada em colaboração com a Fundação Vilanova Artigas, de novembro de 2000 a março de 2001
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. Brasília: Plano Piloto, 5º lugar. *Módulo*, v.1, nº8, jul. 1957, p.76-8
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. Conjunto habitacional em Cumbica; projeto do escritório técnico da CECAP. *Casa & Jardim*, nº 160, maio 1968, p.42-8
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. O Anhangabaú e a cidade conforme Artigas. *A Construção em São Paulo*, nº1376, 1974, p.22-8
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. *Parque Anhangabaú*. São Paulo: PMSB, 1974
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. Projeto de reorganização do parque de Anhangabaú e sua extensão pela via arterial norte-sul; equipe: Abrahão Sanoviez; Marlene Yurgel; Harue Yamashita e Eduardo J. Rodrigues, arqs. *Módulo*, nº42, mar./maio, 1976, p.35-41
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. Conjunto Habitacional em Cumbica, CECAP, Guarulhos, São Paulo. *Projeto*, nº42, jul 1982, p.141
- ARTIGAS, João Batista Vilanova; PENTEADO, Fábio Moura; ROCHA, Paulo Archias Mendes da. Conjunto Residencial Zezinho Magalhães Prado (1967). *A Construção São Paulo*, n.1775, 1982, p.24
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. Artigas por Artigas. Prefácio de José Alberto da Almeida. IABICE, 1985
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. Referências Biográficas. *Módulo* (número especial Vilanova Artigas), 1985, p. 24-36,
- ARTIGAS, Vilanova. Uma falsa crise. In: *Caminhos da arquitetura*, 2ª ed. São Paulo: Pini, 1986, p. 97 -101
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. Arquitetura e Construção. In: *Caminhos da arquitetura*, 2ª ed. São Paulo: PINI; Fundação Vilanova Artigas, 1986.
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. Trajetória de Artigas na Arquitetura Brasileira (Depoimento a Ivana F. Peters), por Celso Pazzanese. *Caramelo*, São Paulo, n.1, dez. 1990, p.36-45.
- ARTIGAS, João Batista Vilanova. Conjunto Zezinho de Magalhães Prado – CECAP, Cumbica, SP. *Arquitetura e Urbanismo*, n.50, out./nov. 1993, p.85.
- BIRKHOLZ, Lauro. *O ensino do planejamento territorial no Brasil*. São Paulo, 1967.
- BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, 2ª ed. São Paulo: Perspectiva
- BUCCI, Ângelo. *Anhangabaú, o chá e a metrópole* (Tese de Doutorado). São Paulo: FAU-USP, 1998

CASCALDI, Carlos; ARTIGAS, João Vilanova; CUNHA, Mario Wagner Vieira; ALMEIDA, Paulo de Camargo *Futura capital federal, Brasília, Plano Piloto*; Relatório apresentado à Comissão julgadora do concurso para o plano piloto da nova capital federal. São Paulo, março 1957

CORREA, Maria Luisa. *Artigas: da idéia ao desenho* (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FAU-USP, 1998.

CUNIOCI, Seyey. *Relatório de Pesquisa sobre a Obra de Vilanova Artigas*. São Paulo: FAU-USP, abril 2005.

DAHER, Luis Carlos. *Flávio de Carvalho: arquitetura e expressionismo*. São Paulo: Projeto, 1982

FICHER, Sylvia. *Subsídios para um estudo do Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado*. São Paulo: FAU-USP, 2v., ilustr; plantas dobradas

FICHER, Sylvia. *Ensino e profissão; o curso de engenheiro arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo* (Tese de Doutorado). São Paulo: FFLCH-USP, 1989

IRIGOYEN, Adriana. *Wright e Artigas*. São Paulo: Atelier Editorial; FAPESP, 2002

KATINSKY, Júlio. Vilanova Artigas: Invenção de uma Arquitetura. In: INSTITUTO TOMIE OHTAKE. Vilanova Artigas; Catálogo da Exposição. São Paulo, 2003

LEME, Maria Cristina da Silva (org). *Urbanismo no Brasil, 1895-1965*. São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP-FUPAM, 1999

LEME, Maria Cristina da Silva. *Formação do urbanismo em São Paulo como campo de conhecimento e área de atuação profissional* (Tese de Livre Docência). São Paulo: FAU-USP, 2000

LIRA, José Tavares Correia; ARTIGAS, Rosa (orgs.). *Caminhos da Arquitetura*, 4ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004

MAIA, Francisco Prestes. *Estudo de um Plano de Avenidas para São Paulo*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1930

MARTINS, Carlos Alberto Ferreira. "Le Corbusier en la conquista de America: ciudad y paisaje en los proyectos sudamericanos y el embate contra el SFU". In: *Seminário Internacional As Origens das Políticas Modernas na América Latina, 1900-1945*. Rio de Janeiro: IPPUR-UFRJ, agosto/setembro 1994

NEVES, Christiano Stockler. De re aedificatoria. *Revista de Engenharia Mackenzie*. São Paulo, nº 48, set. 1928, p. 19-22

SANTOS, José L. Telles dos. Cópia da documentação pertencente ao professor João B. Vilanova Artigas. São Paulo, 1980. v1- Curriculum Vitae; v2- Discursos; v3- Documentação sobre arquitetura brasileira contemporânea; v4- Depoimentos, entrevistas; v5- Entrevista com Túlio Marom; v6- Memórias de projetos; v7- Relação do arquivo; v8- Textos diversos; v9- Textos sobre FAU-USP

SÃO PAULO. Coordenadoria Geral de Planejamento- COGER *Anhangabaú*, 1974

VILANOVA ARTIGAS. Seleção, edição de textos e revisão Álvaro Puntoni. São Paulo: Instituto Lina Bo e PM Bardi; Fundação Vilanova Artigas, 1997

